

filosofia



COMEMORAÇÕES E CRÍTICAS

Maria das Graças de Souza fala de 1968 e da vulgarização da Filosofia



RENATO JANINE RIBEIRO

Como lidar com o fato de que os valores morais mudam com o tempo nas sociedades

ANO VI · Nº 64

www.portalcienciaevida.com.br



ROBÔS DE ESTIMAÇÃO

As questões éticas que envolvem essas máquinas em HABERMAS, RAWLS, SINGER E DENNET

FALTA REFLEXÃO
Arthur Meucci aborda os problemas da padronização atual do ensino



JANELA DO TEMPO

Teoria do físico americano Itzhak Bars discute PLATÃO e AGOSTINHO e dá como possível a volta ao passado. Como nos clássicos hollywoodianos...



Para o professor: O que é um assunto filosófico para se estudar em classe?

Educar para libertar ou padronizar?

há muito tempo observo e relato em meus textos e aulas uma percepção de orientação social “fascista de mercado” nas sociedades ocidentais desde o início do século XXI. Constatos uma diminuição gradual das identidades e liberdades na sociedade e, paralelamente, vejo crescer movimentos institucionais que aplaudem toda iniciativa de padronização dos agentes sociais. Essas percepções ficam nítidas nos retrocessos da orientação pedagógica escolar.

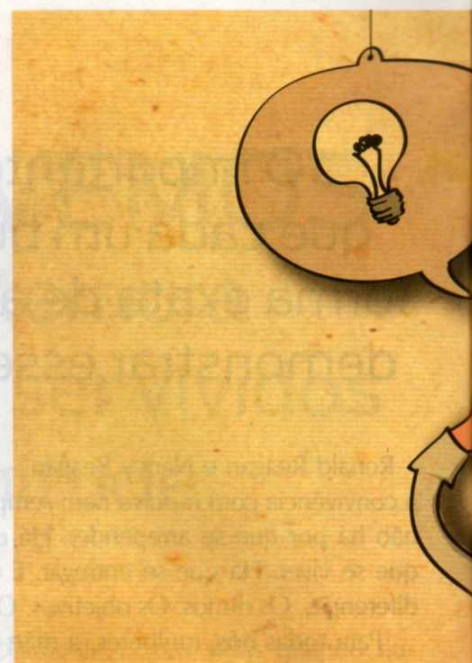
Desde a Antiguidade, a relação entre Educação e trabalho é marcada por uma correlação entre teoria e prática que influenciou toda a nossa concepção cultural. Pensadores renomados como Aristóteles e São Tomás de Aquino conceberam, por meio de uma teoria do *habitus* intelectual e prático, uma tendência de unificar aspectos tão diferentes de nossa existência – sabedoria e trabalho – sob uma perspectiva pedagógica que as coloca em correlação. A sabedoria é vista como uma prática constante de virtudes essenciais nos trabalhos práticos e no campo

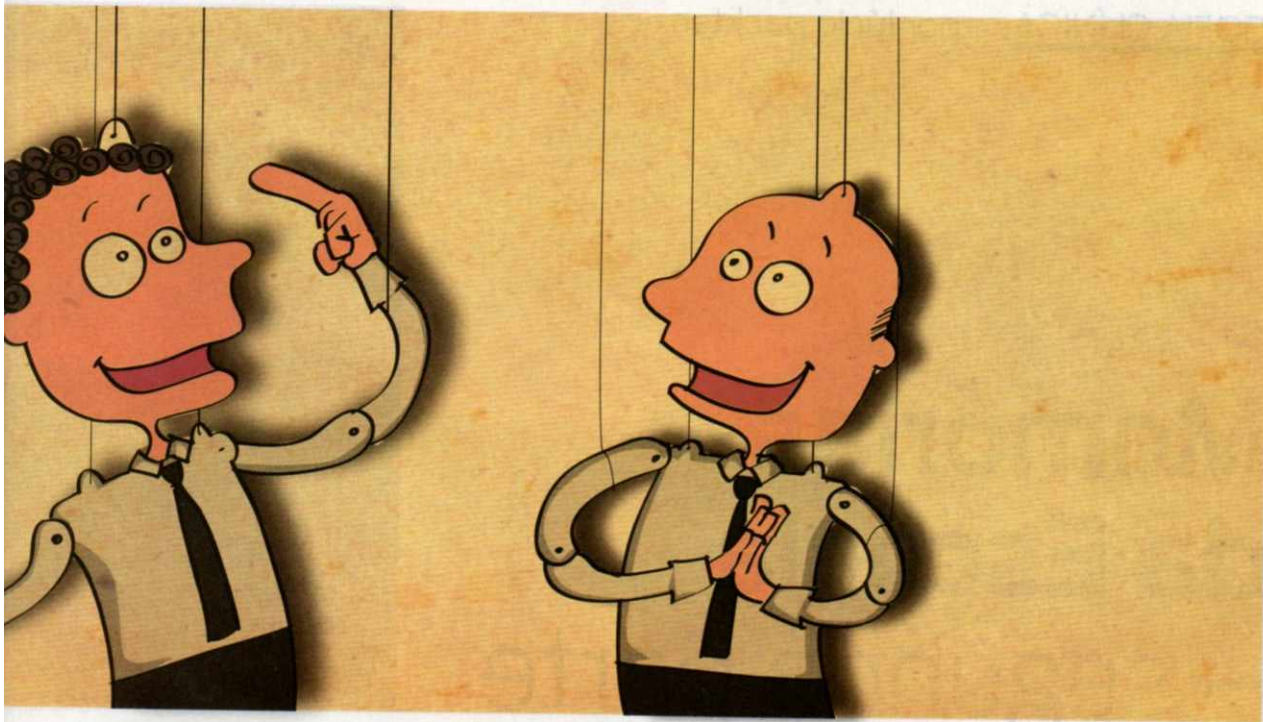
do pensamento. Os medievais logo associaram, indevidamente, “Educação” à “formatação” do bom cidadão – cristão e útil. Relação essa que marcou nossa história da Educação.

O pensamento moderno se posicionou contra a relação antiga e medieval entre Educação como instrumento de formatação para as necessidades do trabalho e as estruturas sociais vigentes. Descartes gritou contra o *habitus* da tradição, contra o costume das respostas prontas e das necessidades sociais imediatas, para propor um método revolucionário de libertação. Um sistema metódico de ensino que possibilita o homem a procurar, por si mesmo, as respostas que precisa para viver. Um ataque direto ao ensino de práticas sociais não refletidas que perpetuam a ignorância das instituições sociais opressoras – mercado, Estado e Igreja. Seus predecessores iluministas não tardaram em associar “Educação” e “emancipação” do homem, posição essa questionável e passível como nos mostrou Adorno e Horkheimer. Apesar das inúmeras críticas que surgiram no século XX,

as teorias iluministas de amadurecimento da razão e libertação se posicionaram em negatividade frente ao ensino voltado ao mundo do mercado – ou ao *statu quo* vigente.

Hoje, distantes do chão de fábrica que orientou nossa concepção de escola na primeira República e no período militar, até que ponto podemos afirmar que essas estruturas de controle não nos afetam, mesmo que nos pretendamos profissionais liberais, trabalhadores autônomos e filhos de um esclarecimento iluminista? Parece que continuamos investindo nossos esforços num aprimoramento pessoal que visa exclusivamente uma produção eficiente aplicada ao trabalho. Durante muito tempo, professores convenceram seus alunos a prestar atenção em suas aulas alegando que o estudo é necessário para um desenvolvimento pleno – diziam isso com o foco, sobretudo, na ideia de que o estudo é condição para a obtenção de melhores trabalhos, entendidos não como realização individual independente, mas como empregos a serviço do capitalismo





vigente. O melhor estudo que prepara para as melhores faculdades (as aceitas pelo mercado).

O mercado educacional do ensino técnico, superior, MBAs e pós-graduação parece sustentar-se diretamente na crença de que quanto mais qualificado educacionalmente, mais bem-sucedido profissionalmente. As escolas e faculdades já se espelham nos meios de produção – aluno e professor compartilham de apostilas que determinam, aula por aula, qual o conteúdo ministrado e avaliado planejado pelo coordenador/supervisor. Há controles cada vez mais rígidos pelas produções feitas em sala de aula baseados em critérios determinados *a priori* por um gestor – não importando as singularidades de cada aluno, classe e comunidade que habita. Hoje, nem mesmo o professor pode questionar o conteúdo da aula e a prova que a escola aplica. Uma busca insana por um “ISO” da Educação, um padrão de produção de alunos visando certas qualidades.

São cada vez mais raros os instantes de transcendência em que podemos pensar sobre em que tipo de outros mundos seria possível viver, ou analisar com consciência os caminhos que toma-

mos. Não estou defendendo uma educação autista, apartada da realidade econômica que vivemos. Afinal, qualquer proposta nesse sentido é uma “antieducação”. Precisamos educar para a vida, sem dúvida, mas não para nos tornarmos marionetes do sistema. Quando revistas de circulação nacional como a *Veja*, por exemplo, criticam o ensino de Filosofia e Sociologia em detrimento de matérias mais úteis, como Matemática e Português, ela simplesmente reproduz uma óptica de Educação e de sociedade onde o importante é cumprir metas no Enem e no vestibular para ser um peão de terno bem-sucedido no mundo do trabalho. Cretinos formatados com estudos de case que conhecem muito mal as teorias e o sistema que possibilitam respostas iguais ou melhores do que as dos “casos de sucesso do mercado”. O interessante é que hoje em dia até filósofos críticos ao sistema como eu são cada vez mais requisitados para resolver problemas em grandes empresas para o qual não existe um case como resposta. Afinal, não só de idiotas adestrados vive uma sociedade de mercado, mas de toda massa encefálica que ainda ousa pensar “fora da caixa”.



ARTHUR MEUCCI É MESTRE EM FILOSOFIA PELA USP E MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIAE STUDIA. PROFESSOR CONFERENCISTA DE ÉTICA DA ECA/USP, DE ÉTICA E NEGÓCIOS DA UNIP E PROFESSOR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DO CONHECIMENTO DA FGV-SP. É CONSULTOR DO ESPAÇO ÉTICA. WWW.MEUCCI.COM.BR